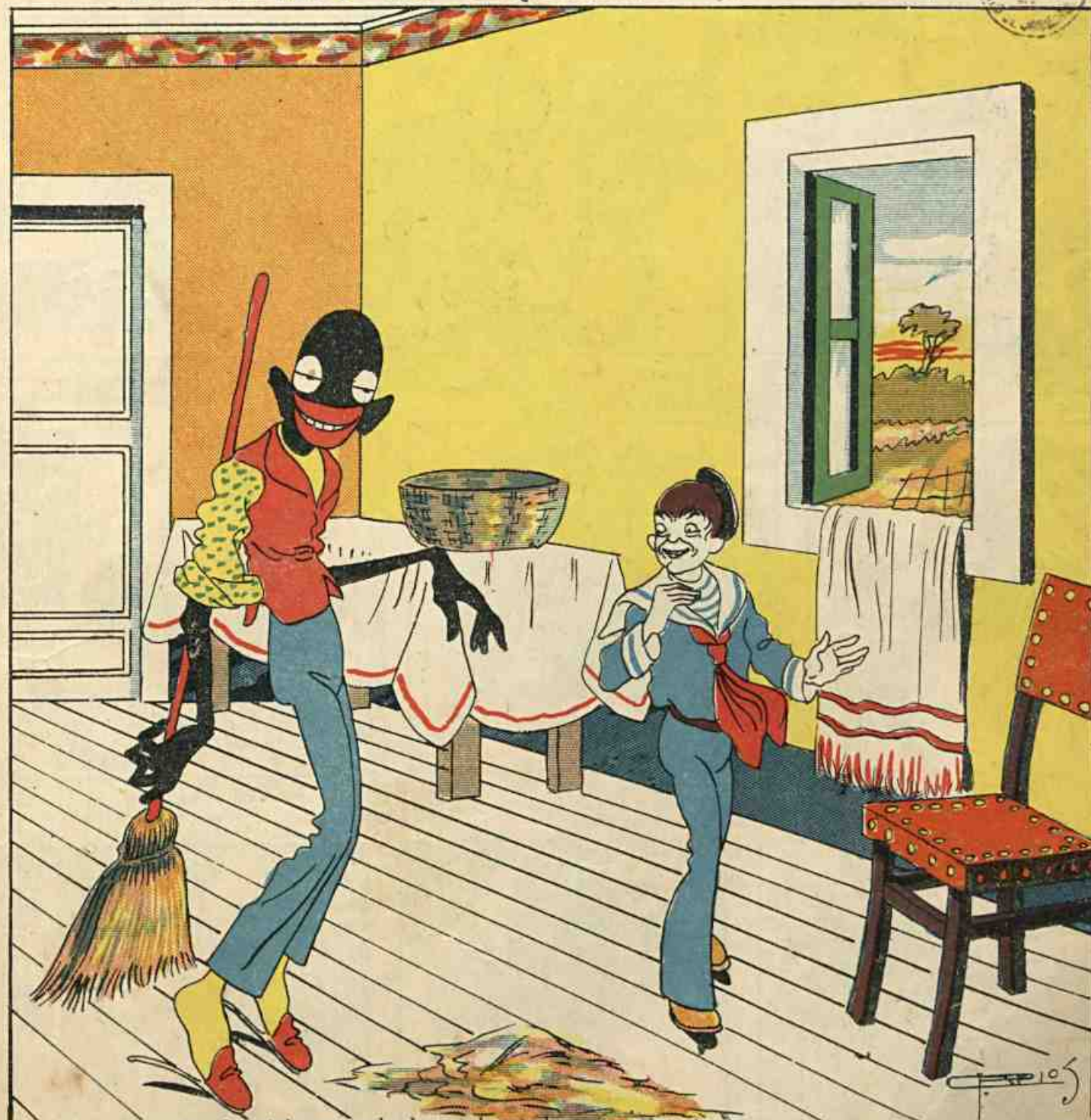




ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES
O TALENTO DO JUQUINHA | A ignorancia do Giby



Ha poucos dias Juquinha entrando desencabrestadamente peia sala da copa, estacou surprehendido deante do moleque mais preto que até hoje tem se visto.
 Era um copeiro novo, que entrara para o serviço da casa.
 Juquinha não pôde deixar de rir. Fitou resolutu o moleque e, ainda em sorrisos, perguntou:
 — O' Giby! como te chamas?
 — Izidoro Carneiro, sim sinhô.
 — Carneiro... preto... considerou Juquinha.
 Ha de ser burro por força.

(Continua)

O MENINO PERVERSO



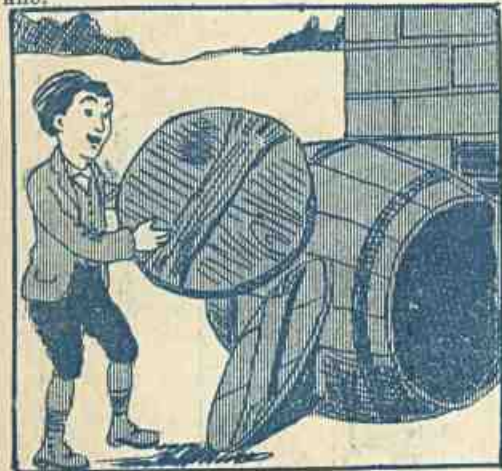
1) Um pobre cego passava todos os dias pela casa de Paulino arrastando os pés, apoiando-se a uma bengala para não errar o caminho.



2) Paulino que era muito máo divertia-se em maítratar o pobre cego. Um dia...



3) Paulino atravessou uma corda no caminho. O pobre cego tropeçou na corda, caíu e Paulino riu-se.



4) No dia seguinte Paulino vendo na rua uma grande barrica vazia, tirou-lhe a tampa e o fundo...



5) Depois quando o cego ia passando, tropeçou em um banco e mais que depressa enfiou a barrica em cima do cego.



6) O infeliz que não podia ver onde estava, começou a bracejar muito afflicto...



7) E tanto se mexeu que a barrica caíu com elle. Paulino ria-se a bom rir.



8) Mas a barrica cahindo, começou a rolar. Paulino não teve tempo de fugir e a barrica rolou por cima d'elle...



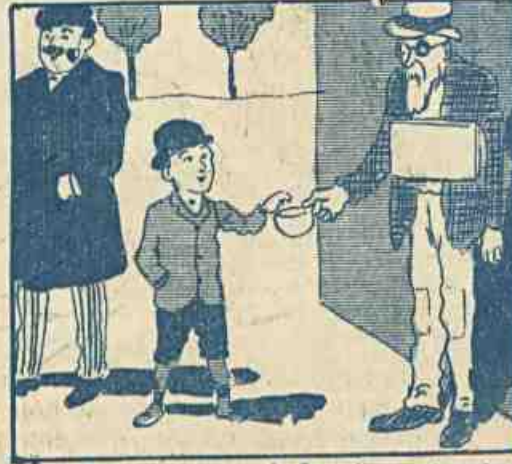
9) ...deixando-o chato como uma folha de papel. Seu pai vem apanhá-lo no chão...



10) Enquanto outras pessoas levantavam o pobre cego que nada soffrera.



11) Paulino esteve de cama tres mezes e soffreu muitas dores e tomou muito remedio.



12) Felizmente quando ficou bom estava também curado da maldade e em vez de maítratar o cego até lhe dava esmolas.

EXPEDIENTE

A empresa d'O MALHO publica todas as quartas-feiras O Tico-Tico, jornal illustrado para crianças, no qual collaboram escriptores e desenhistas de nomeada.

Condições da assignatura :

INTERIOR : 1 anno 11\$000 6 mezes 6\$000.
EXTERIOR : 1 anno 20\$000, 6 mezes 12\$000.

Numero avulso, 200 réis. Numero atrazado 500 rs.

As assignaturas começam em qualquer mez, terminando em Junho ou Dezembro de cada anno.

Não se accitam assignaturas por menos de 6 mezes.

Toda a correspondencia, pedidos de assignatura, etc. devem ser dirigidos ao escriptorio e redacção d'O Malho, Rua do Ouvidor n. 132, Rio de Janeiro.

O PRINCIPE MAHMUD E SUAS AVENTURAS

Vivia, ha muitos seculos, nas Arabias, um rei magnifico, que governava os paizes do Pind, e tinha um filho chamado *Mahmud*.



Partiu em busca da corte do sultão Emir-Ben-Naoman.

Era este principe, um joven muito aventureiro e ousado, grande amigo dos exercicios das armas, e singularmente amestrado nas manobras da cavallaria, apesar de ser ainda muito moço.

Embora, ás vezes, se deixasse arrastar por seu genio infantil a commetter travessuras, fazia perdoar-se facilmente pela bondade que lhe predominava no coração, e nunca um necessitado se havia approximado d'elle sem obter auxilio ou consolação.

Um dia contaram a *Mahmud* a historia da princeza *Fatima*, filha do sultão *Emir-Ben-Naoman*, que tinha sua residencia em região longinqua.

Esta princeza era tão formosa que todos os principes e cavalleiros pretendiam a sua mão.

Para obter, porém, esse thesouro, era mister resolver trez problemas, tão difficeis, que ainda ninguem havia podido acertar, e os infelizes aspirantes tinham de pagar a sua ousadia contra vida, segundo a lei inexoravel do cruel sultão, pai da bella *Fatima*.

Esta historia tal impressão fez no animo do principe *Mahmud*, que este já não vivia sinão sonhando com *Fatima* e, não podendo mais resistir, foi ter com o rei seu pai, communicando-lhe a resolução que havia tomado de partir em busca das terras de *Emir-Ben-Naoman*, e apresentar-se candidato á mão da formosa princeza.

Grande commoção apoderou-se do velho soberano, ao ouvir este projecto do joven *Mahmud*; empregou todos

os meios possiveis para dissuadir o filho d'esse propasito, pondo em relevo os grandes perigos que apresentava a empreza; mas, vendo por fim, que tudo era inutil, resignou-se e deu o seu consentimento.

Mahmud lançou-se aos braços de seu pai, e-lhe disse :

— Nada recies; bem sabes que não me falta valor; com o auxilio do céu hei de conseguir a mão de *Fatima*, e, em lugar de um filho, has de ter dois.

E correu a encilhar o seu ginete, a armar-se convenientemente; e, sem demora, partiu, seguido apenas por um fiel escudeiro.

Depois de ter caminhado trez dias, dormindo ao relento, fazendo travesseiro do sellim, os dois viajantes alcançaram a margem de um vasto deserto, no qual já não se descobriam nem arvores nem sombrade arbustos. E, como o sol já estivesse prestes a cair, *Mahmud* resolveu passar allí a noite, sob a ultima palmeira que demarcava a entrada do deserto.

Descilharam os cavallos, e, como a fome ainda era maior que o cansaço, puxaram da maleta, bem recheada, e puzeram-se a comer com assignalado appetite.

Mal, porém, haviam mastigados, primeiros bocados, viram adejar densa nuvem, que se approximava velozmente com grande susurro.

E a nuvem vinha chegando como uma rajada de vento; por fim desceu aos pés dos viajantes e *Mahmud* conheceu, então, que era um bando enorme de passaros de todas as especies.

Os pobres bichinhos pareciam tão cansados e esfaimados, e olhavam para o principe com olhares tão supplicantes, que *Mahmud* pediu ao fiel escudeiro todo o pão que havia na maleta, e partiu-o em migalhas para os pedintes.

Estes comeram alegremente, e, depois de restaurados, gorgearam os seus agradecimentos em todos os tons.

Um estorninho deu então trez saltos á frente, voou sobre a mão de *Mahmud*, limpou o bico e disse :

— Quem dá aos necessitados empresta a Deus. Toma esta penna da minha aza; em caso de perigo esfrega-a entre os dedos e verás que sabemos ser gratos.

Mahmud e seu fiel escudeiro confirmaram o seu caminho, en'ranhando-se no deserto.

Andaram trez dias, e, no fim d'elles descobriram uma frondosa floresta. Resolveu *Mahmud* nella descansar.

E depois de haverem soldado os cavallos para que pastassem a herba odorifera, puxaram da maleta e trataram de comer. Viram-se, então, de repente, rodeados de animaes

de todas as especies: lobes e ligres, leopardos e elephantes, raposas e lebres; enfim, uma multidão tão variada e infinita que as vastas planicies não a podiam conter.

Mahmud comprehendeu que elles tinham fome, e atirou-lhes das suas provisões, que milagrosamente nunca diminuiam. Então, um leão magestoso, estendeu a mão a *Mahmud* e disse-lhe :

— Aos que tinham fome, deste de comer; bemdicto sejas. Toma estes trez cabellos da minha juba e guarda-os. Si te vires algum dia em perigo, esfrega-os na palma da mão, e verás



— Que o céu os proteja, desventurados !

quanto procuraremos ser-te gratos. E, dito isto, o leão e os outros animais desapareceram.

No dia seguinte, ao continuar a sua viagem, *Mahmud* e seu escudeiro encontraram um ancião de longas barbas, que muito lhes aconselhou voltassem e não se precipi-



—Sejas bem vindo, nobre estrangeiro— disse o reisinho.

tassem nos perigos, em que, fatalmente, haviam de succumbir. *Mahmud*, porém, interrogou-lhe acerca do caminho a seguir.

E, o velho, vendo a sua firmeza, apontou uma montanha alta e íngreme que ao longe se erguia e disse-lhes:

—Que o céu os proteja, desventurados!

Mahmud e seu escudeiro galoparam em direcção da montanha e alcançaram-na ao cair da noite. E dando de acicates aos seus ginetes, continuaram a subil-a. A meia encosta, descobriram uma grande caverna, em cujas paredes e abobadas se moviam milhares de luzinhas. Approximando-se mais, viram um exercito de anõesinhos que, com martellos e picaretas, ao luzir das suas lampadas, arrancavam mineraes preciosos do seio da rocha. *Mahmud* parou um momento, e contemplou, admirado esse povinho estranho e activo. Depois, chegando á entrada da caverna, pediu agasalho ao rei dos anões.

—Sejas bem vindo, nobre estrangeiro, disse o reisinho— Não nos falta logar para te abrigar. Porém falta-nos comida, porque nós mesmos estamos mortos de fome.

—Saberá V. M., respondeu o príncipe, que em paga do agasalho que me dá em seu reino maravilhoso, eu darei comida a todo o seu povo.

Os anõesinhos correram, contentes, e largaram suas ferramentas quando ouviram taes palavras.

Mahmud offereceu-lhes um banquete opiparo e esplendido. E, quando, de madrugada, lá pôr-se a caminho, o reisinho veiu-lhe ao encontro e disse-lhe:

—Generoso amigo, mataste a nossa fome e seremos gratos a ti por toda

vida. Toma este anel e colloca-o no dedo indice da mão esquerda, e quando estiveres em perigo, verás então como pagaremos a nossa divida.

Mahmud guardou o anel e, despedindo-se, abraçou o reisinho, alçando-o do chão.

Depois de muitos dias de viagem, o príncipe e seu escudeiro, do cume da montanha; viram, maravilhados, a capital de *Naoman*.

Emir - Ben - Naoman, rodeado dos seus cortezaes, no meio dos quaes se destacava a figura do carrasco, já esperava *Mahmud*, no pateo de honra.

—Nobre e grande sultão— disse *Mahmud*, depois de se apeiar; a fama da formosura da tua filha penetrou até o pé do throno do rei, meu pai, e eis-me aqui para sujeitar-me ás provas que te dignares impôr. Vencer ou morrer, eis a minha divisa.

—As tuas palavras— disse o terrivel *Emir - I e - a - Naoman* — são ousadas.

Fica, pois, sabendo qual é a primeira prova que te imponho: Vês aquelle montão de cereaes, cevada e arroz, tudo bem misturado? Antes do romper do dia deverás ter catado e separado, em montes especiaes, todos esses grãos, sinão... morrerás ás mãos do carrasco.

Mahmud lembrou-se da penna do passaro; puxou a carteira, tirou a penna e esfregou-a entre os dedos. De repente appareceram os passaros e o estorninho chegou aos pés de *Mahmud*, perguntando:

—Amigo, qual o perigo em que te achas?

Mahmud contou o que tinha acontecido, e logo, ao amanhecer do dia, estava tudo prompto.

Emir - Ben - Naoman, ao vêr a bonita solução do pro-



O carrasco já esperava Mahmud.



No cume da montanha viram, maravilhados, a capital de *Naoman*...



Emir - Ben - Naoman soltou um grito de admiração. Um palacio deslumbrante e magestoso se elevava allanceiro defronte do seu.

blema, esboçou um sorriso, e proferiu um monosyllabo: — Bem! — que electrizou todos os cortezaos a ponto de saltarem altos brados de applausos, menos o carrasco, que via diminuida uma das probabiliidades a seu favor.

E o sultão conduziu Mahmud a um formoso jardim, e mostrando um tanque vastissimo, lhe disse:

— Até o romper do dia tens de apresentar este lago completamente secco; e esta é a segunda prova. Si não o conseguires, cahirás victima do carrasco.

Mahmud riu-se e disse:

— As ordens de V. M. serão cumpridas fielmente.

E, á noite, pondo-se defronte do tanque, tomou os cabellos do leão e esfregou-os na palma da mão. Ouviu-se grande tropel e um exercito de animaes, capitaneado pelo leão, apresentou-se ao principe.

— Que deseja o nosso amigo? — disse o leão.

Mahmud mostrou-lhe o perigo que corria e o tanque para esvaziar. O leão poz seu exercito em volta do tanque e em menos de uma hora não existia uma só gotta d'agua. No dia seguinte era impossivel descrever-se o espanto de Emir-Ben-Nuoman e seus cortezaos.



O sultão deu a mão de «Fatima» a «Mahmud».

— A terceira e ultima prova é a mais terrivel; disse o sultão a Mahmud. Ao romper do dia, desejo vêr, da janella do meu palacio, elevar-se um outro palacio mais formoso e mais vasto que o meu. Tu o construirás com estas madeiras e materiaes que estão naquelle terreno baldio.

Então, vindo a noite, Mahmud collocou o anel do anõesinho no indice da mão esquerda. E logo densas nuvens rodearam-n'o e d'ellas desceu um exercito de pequeninos seres. Eram os anõesinhos.

— Chamaste-nos, amigo, e pressurosos viemos. Que desejas? disse o rei dos anões.

Mahmud, apontando para o monte de materiaes e madeiras, respondeu-lhe:

— Ai de mim! Querem que construa até o romper do dia, com elles, um palacio mais sumptuoso que o do sultão.

— E isto te preoccupa? Já verás como havemos de eclipssar aquella biboca.

E dando as suas ordens aos anõesinhos, estes de tal modo se houveram com seus martellos, seus serrótes e machados, que, antes do romper do dia, estava todo o

trabalho feito! Despediam-se de Mahmud e desapareceram. De manhã o sultão Emir-Ben-Nuoman soltou um grito de admiração. Um palacio destumbrante e magestoso se elevava, altaneiro, defronte do seu! E com toda a sua corte Emir-Ben-Nuoman correu a felicitar o principe.

Ahi, deante de todos os seus subditos, o sultão deu a mão de Fatima a Mahmud e no dia seguinte realisou-se o casamento.

(Traduzida das «Mil e uma noites», pelo nosso leitor ANTONIO MEIRELLES MARTINS).

A CURA PELA ELECTRICIDADE

O DR. ALVARO ALVIM avisa ao publico que, ao contrario do que se tem propalado, os preços do tratamento no seu gabinete são equivalentes aos dos gabinetes estrangeiros, pois regulam vinte mil reis por sessão de 20 minutos de assistencia e tratamento especialista e são gratuitas as consultas e receitas aos doentes em tratamento.

Para certos tratamentos especiaes, combinação previa.

Rua Gonçalves Dias 48, 1º andar (Por cima da Casa Seixas).

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

Amavel convite do Sr. A. Campos, para assistirmos a inauguração do seu estabelecimento, sito á rua Moreira Cezar n. 72, cerimonia que teve logar em 1 do corrente, a 1 hora da tarde.

— Da empresa *Paraiso do Rio*, bellissimo cartão-convite para a magnifica sessão de cinematographo, consagrada á imprensa d'esta capital, realisada a 28 do proximo passado.

— Dos Srs. Farani Sobrinho & C., proprietarios do conhecido e estimado estabelecimento — Casa Farani, gentil convite para a sua festa de anniversario e inauguração do novo club de joias, que se realizou no dia 30 do passado, ás 2 horas da tarde, á rua Moreira Cezar n. 109.

— Da directoria do Club Athletico Carioca, delicado convite para assistirmos a sua esplendida festa de anniversario, realisada em 15 de Setembro proximo passado, acompanhado de um officio em que nos communicam os mesmos senhores a inclusão, no programma official, de um parco denominado *O Tico-Tico*, em homenagem ao nosso jornalzinho, distincção que, aliás, bastante nos penhorou.

BORO BORACICA — cura assaduras nas crianças.

Inaugurou-se, domingo ultimo, no Club Fluminense o theatro de fantoches iniciado por um dos socios d'aquelle club.

Os bonecos, perfeitamente articulados, medem 0, m 60 de comprimento e o palco trez metros de largura.

Os scenarios foram pintados pelo Snr. C. Mourão. Agradecemos o convite com que nos mimosearam.

MENÇÃO HONROSA

Merece honrosa menção a solução que ao nosso concurso n. 179 nos enviou a menina Irene Marinho, acompanhada de lindo e gentil cartão. E' uma capellinha enfeitada de galão prateado e flores artificiaes, em cujo interior se vê um altar com uma Virgem corôada por dois anjos.

Agradecendo, *O Tico-Tico* faz votos pela felicidade da sua intelligente leitorasinha.

OS PREMIOS D'«O TICO-TICO»

O Tico-Tico pagou durante a ultima semana os seguintes premios:

A Rodrigo José Mauricio, residente a rua Visconde de Itaboraí n. 76, concurso n. 182, 108; a Ernesto dos Reis Maia, morador no boulevard 28 de Setembro n. 33, concurso 183, um brinquedo offerecido pela *Maison Rose*; e a Aglophilo Bordes, pago pelos nossos agentes em Bello Horizonte, Srs. Paes & C., concurso n. 173, 158000.

O NOSSO ANIVERSARIO

Santo Deus! Que dobadoura, que reboiço! Ainda não acabaram de chegar dos Estados longinquos as felicitações pelo nosso centenário e já chegam de toda a parte encantadoras saudações pelo 2º anniversario do jornal das crianças.

Felicitaram-nos com lindos cartões postaes — Mario Camara Hoffmann (Porto Alegre), Antonietta Clotilde, Laura Eufrazina de Farias, Beatriz Eufrazina de Farias, Nicolson da Silva Nazarelli, Eunice Miranda Machado de Araujo (S. Luiz de Pirahytinga), Claudioner Soares Tavares (redactor chefe do *Itú*), Ernestina, Nelson, Alayde e Albertinho, Alexandre Lima e Maria de Lourdes da Camara Saldanha.

Em cartas — Maria Magdalena M. Mattoso, Valinda Barroso, Cléa Barroso, Idilva Barroso e Aloyso (Ceará), Alvaro P. A. de Camargo (Florianopolis), Bernardo de Almeida Amazonas (Recife), Claudioner Soares Tavares, Paulo Delfino dos Santos, Antonio B. Maia Junior, Alicilde M. Barbosa e Solange Fonseca.

11 DE OUTUBRO

A O Tico-Tico

Mais um anno! Que ventura
E quantas glorias alcanças
Com tua fina leitura,
Lindo jornal das crianças!

O teu progresso é lamarinho
Como a fama — universal!
Chega a ser um caso estranho
Para um modesto jornal!

O Tico-Tico afamado
Batendo as azas, ufano,
Só louros tem conquistado
Para vencer mais um anno!

O teu vôo é tão sereno,
Tão sonora, a tua voz,
Que não ha nenhum de nós
Que não queira ser pequeno!

Qual, pequeno! Qual, historia!
Tenho visto gente grande
Que ao ler-te toda se expande
Fazendo d'isso uma gloria!

Eu não sei si bem me explico:
— Neste andar, é natural
Que o pequeno O Tico-Tico
Se transforme em Cardeal!

SOLANGE FONSECA

Gaiola d'O TICO-TICO

Carlina de Freitas Costa (Bahia) — Recebemos a sua pagina do *Pavilhão*, que está magnifica. Agradecendo mais uma vez a sua preciosa collaboração, pedimos-lhe que não nos mande os seus desenhos recortados por isso que nos dá muita dificuldade por reproduzil-os.

Edgar Campos Proença (Pará) — Com que enlão foi feito ali um concurso? E o «Chiquinho» é que venceu? Pois não calcula como elle ficou satisfeito com a noticia!

Ordina Delphino dos Santos — Nós só publicamos versos originaes; não podemos publicar copias.

Adelaide Reis — Não é assim que se armam os guerreiros. A figura que tem a cabeça deve ser reforçada com papel cartão. Collam-se tambem em papel cartão bem fino as pernas, deixando em cima um lugar para enfiar o busto. As outras peças do vestuario collam-se conforme as explicações que acompanham a pagina, para poder vestir e despir o boneco quantas vezes se quizer.

Roberto Gomes — Vamos verificar.

Nahul Benevolo (Ceará) — Vamos publicar o seu problema no *O Tico-Tico* e o seu retrato no Almanach. Valeu?

Edgar Campos (Pará) — Bravos, você está muito longe, mas é um camarada às direitas. Serão publicados os seus versos e algumas de suas perguntas. «Chiquinho» e «Juquinha» agradecem as saudades, mas o «Jagunço» não quer receber o caseado.

Alexandre Telles de Menezes — Parece que ha engano; não encontramos aqui versos seus.

Maria Clara da Gama — (Bicas) — Recebemos uma carta annunciando a remessa do retrato seu e de seu irmão Vasco. Mas aqui recebemos só a carta. Os retratos não vieram.

João Joaquim Lourenço — Agradecemos, pelo amavel convite; estimamos que o seu papá seja muito feliz.

Relativamente ao de que trata a segunda parte do seu cartãozinho, a resposta é muito simples — você deve comprehender que o caso não depende de nós; é uma questão de sorte; nas suas condições hão de existir muitos. Mas, um dia a casa cáe. Espere por esse almejado dia, que elle ha de chegar.

Adelaide Camara e Amaro Camara — Agradecemos, pela participação do nascimento de sua filhinha Nair. Almejamos-lhe muitas venturas.

Antonio Bento da S. Junior (Ouro Preto), João Germano da Silva, (Recife), Sebastião Cecilio da Silva (Araguary), Domingos Mormano (S. Paulo), Eugenio Fonseca Filho, João Evangelista Pacheco Coelho, Alice do Carmo Pacheco, Maria Magdalena Maia Mattoso, João de Andrade (Cascadura), Djanira Guedes, Iracema Nunes, Floriano Poixoto Medrado, Abel Alvaranga da Silva, Luiz Augusto de Queiroz Albuquerque, Lulú Medrado, Angelo Ferreira e Minervina de Carvalho — Recebemos os trabalhos. Vão ser examinados.

Oswaldo Osirio Storino — «Chiquinho» agradece as suas boas palavras.

BRINQUEDO PARA OS DIAS DE CHUVA

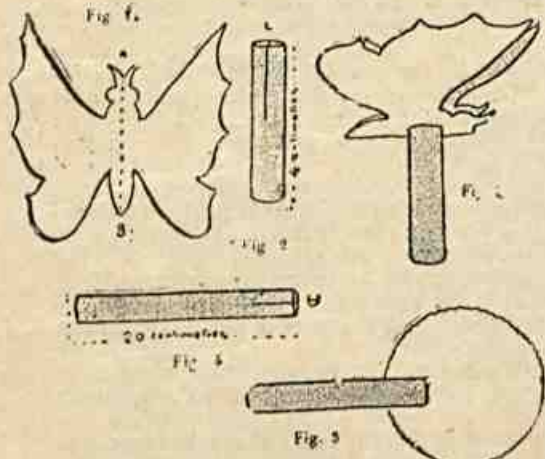
A BORBOLETA

Jogo japonnez

Dedicamos hoje ás nossas leitoras um jogo divertido e gracioso, que precisa apenas de alguma pratica e d'uma certa destreza natural. Recorta-se numa folha de papel branco uma borboleta (fig. 1). Depois de se a ter pintado com cores vivas, por dentro e por fora, dobra-se pelo meio.

Toma-se, então, um pedacinho de pau, roliço, si for possível e muito leve, de quatro centimetros de comprimento e dá-se-lhe um entalhe numa das extremidades (fig. 2). Introduz-se nesta fenda a borboleta dobrada (fig. 3). Em outro pedaço de na leira de uns 20 centimetros de comprimento (fig. 4), dá-se um entalhe como na (fig. 2). Depois, numa folha de papel cartão recorta-se um circulo de 15 centimetros de circunferencia e introduz-se na fenda (fig. 4).

O jogo consiste em atirar ao ar a borboleta e em abanar com a ventarola, de maneira a mantel-a no ar, ou deixal-a cahir sobre a ventarola e atiral-a de novo ao ar sem nunca a deixar cahir no chão. Pode jogar este jogo certo numero de pessoas, tendo cada uma d'ellas a sua ventarola, sem por isso precisar de mais de uma borboleta.



VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

Ao mundo dos Planetas—Jupiter, o mundo das maravilhas

(Continuação)

(POR OSWALDO SILVA)

Capitulo XIX

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUCTOR)

Mas ao chegar á orla do bosque de que falei pareceu-me ouvir um concerto de assobios, modulados em todos os tons e em todas as formas, e que pouco a pouco se approximavam de mim. Que seria? um grupo de macacos jovinos que vagava pela floresta? Não; aquelles assobios, comprehendi, obedeciam a umas formulas convenciona-das; ditadas por um cerebro in-telligente. Não eram harmonio-sas nem melodiosas, mas sim um conjunto de notas destaca-das, como se se quizesse articu-lar uma palavra substituindo as syllabas pelo assobio... Extra-nha linguagem. Como disse, ca-da vez mais approximavam-se os seres que emitiam aquelles sons, e, foi com um certo terror e estupefacção, que vi surgirem entre as folhagens, em um dado momento, 20 formas animadas de extravagante aspecto, verda-deiros monstros, horriveis na sua originalidade assustadora. Vendo-me, pararam não menos surpresos, e é claro, que o que eu sentia n'aquelle momento, tambem estavam elles sentindo da mesma maneira, mas como eram em maior numero toram-se approximando com prudencia até a poucos passos de distancia, e, ahi, quedaram-se immo-veis observando-me attentamen-te.

Seriam aquelles monstros os verdadeiros habitantes de Jupi-ter, seres intelligentes que tives-sem leis, governos, cidades, affec-ções, crenças?

Apezar do medo de que me achava possuido, notei que tra-ziam ornamentos extravagantes, armas bizarras, e, que no olhar de monstro não tinham estampado o caracter da bestialidade dos irracionaes: ao con-trario, era meigo o olhar d'esses entes.

Indubitavelmente a Natureza é um poço de mysterios e de fantasias inexgotaveis.

Dentro em pouco, começaram a assobiar. Foi então que comprehendi aquelles assobios não eram mais do que a forma da linguagem em Jupiter!...

Pouco a pouco elles foram perdendo o temor e, vendo a minha attitude passiva, chegaram a ponto de me tocarem com os seus longos braços, mais parecidos com tentaculos de polvo, do que com membros de um ser que raciocina. E conversavam, quero dizer assobiavam, dando á physionomia toda a impressão de surpresa que lhes ia na alma. Em um dado momento, um, que parecia ter mais autoridade, ordenou silencio, e, voltando-se para mim, assobiou uma especie de *valsa*.

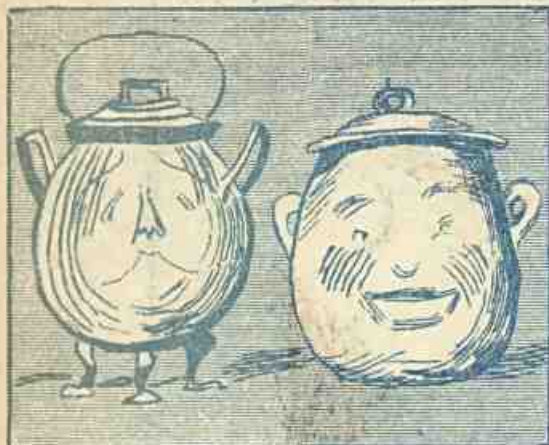


V A L E
PARA CONCURSO N. 189

V A L E
PARA CONCURSO N. 190

(Continúa)

AS DUAS MARMITAS



1 Eram duas marmitas, uma de barro outra de ferro, que estavam num bazar. A marmita de barro tinha bom genio, a de ferro era má...



2 ... tinha inveja das marmitas de cobre que baillavam mais do que ella e estava sempre de mau humor.



3 Um dia a cozinheira de um barão, veiu ao bazar e comprou as duas marmitas.



4 La foram ellas para a cozinha do barão, que era muito bonita e muito alegre.



5 Os filhos do barão, acharam graça nas marmitas novas e brincavam com ellas, depois tornavam a guardal-as.



6 A marmita de barro, julgava-se muito feliz, a de ferro continuava sempre furiosa.



7 Um dia um ladrão, vem a casa do barão fingindo que procurava emprego, mas era para se informar...



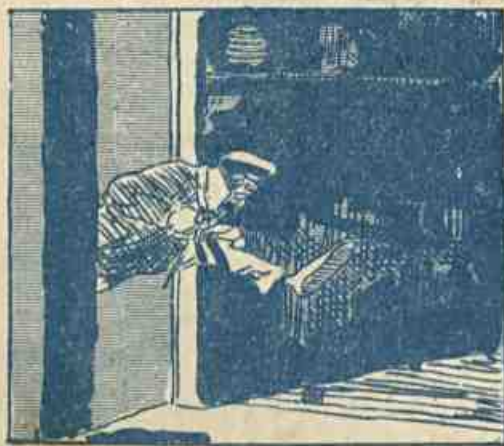
8 ...e se escondeu para atacar a casa á noite. A marmita de ferro que de tudo desconfiára...



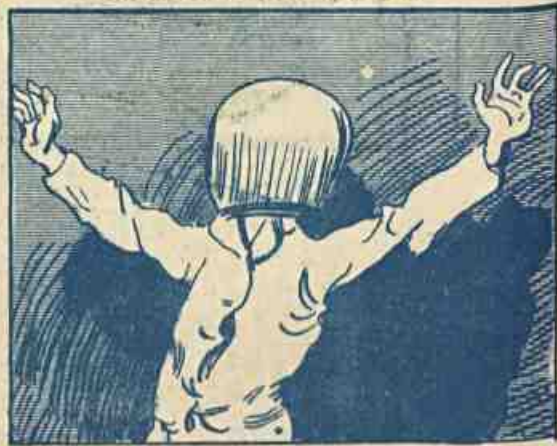
9 ...teve uma ideia infernal. Deixou-se cahir na prateleira em que estava, de modo a ficar com um pé na porta.



10 De modo que quando o creado do barão, que bebia muito, veiu fechar a porta, a porta ficou aberta.



11 É o ladrão entrou sem dificuldade. Mas a marmita de barro que tudo observára, deixou-se tambem cahir...



12 ... mesmo na cabeça do ladão. Este sem poder ver cousa alguma assustou-se e gritou...

(Continua na pagina seguinte)

AS DUAS MARMITAS

(Continuação)



1 Caiu com grande estrondo e foi logo preso. A filha do barão para recompensar a marmitta de barro...



2 Enfeitou-a toda e transformou-a em vaso de flores. Quanto à marmitta de ferro, que ficara toda amassada...



3 ... foi pôsta fóra no cisco. Um pobre velho achou-a...



4 ... e vendeu-a a um terrível anarquista, que queria assassinar um homem importante.



5 O anarquista levou a marmitta para casa e encheu-a de explosivos tordidaveis...



6 ... e transformando-a assim em uma perigosa machina infernal, dirigiu-se a casa do barão.



7 Chegando ahi, sentou-se e começou a comer para esperar. Era ao anoitecer.



8 Quando anoiteceu o anarquista collocou a marmitta mesmo por baixo da janella da filha do barão...



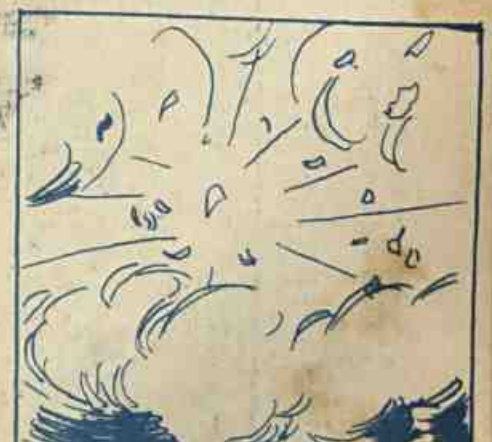
9 ... poz-lhe uma mecha, accendeu-a e fugiu, então a marmitta de barro que estava em cima da janella...



10 ... percebendo tudo, deixou cair um pouco da agua das flores e apagou a mecha.



11 No dia seguinte toda a gente ficou muito admirada ao ver aquillo, mas notando que a mecha estava apagada...

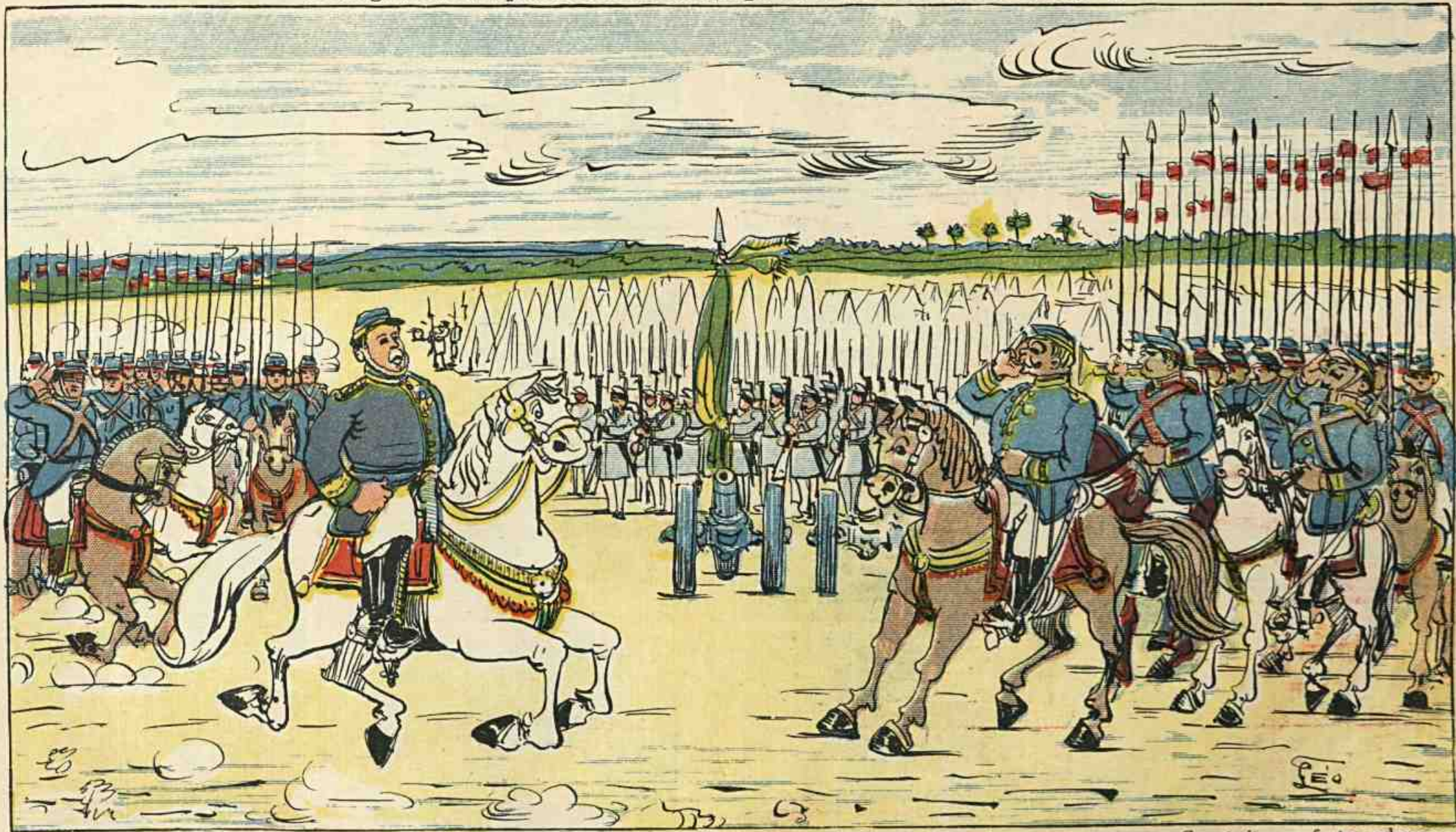


12 ... pegaram na marmitta de ferro e a fizeram estourar em um campo deserto, onde ella não faria mal a pessoa alguma.

HISTORIA DO BRAZIL EM FIGURAS

Guerra do Paraguay
1864-1870

A chegada do Duque de Caxias ao campo do nosso exercito no Paraguay



O General Mitre commandante em chefe das forças expedicionarias, depois da tomada de *Curuzú*, ordenou que se atacasse *Curupaity*, um forte poderoso e bem artilhado. O inimigo nos rechassou. Foi porém o unico revez, que soffremos em toda a guerra. Esse desastre produziu grande consternação. Devido a serias divergencias de commando, retiraram-se algumas das altas patentes do exercito.

As nossas forças estavam desfalcadas de cerca de 15 mil homens; não havia mantimentos; as cavahadas estavam destruidas. Só o heroismo da nação e o valor do Duque de Caxias, vantando novas legiões e appellando para o Duque de Caxias, poude erguer os animos das nossas armas. Em Novembro de 1866 chegava no campo do exercito o venerando soldado:

D'ahi por diante, como iremos ver, só o Brazil supportou as responsabilidades do resto da guerra.

casas e firmas
o o
o o
o o

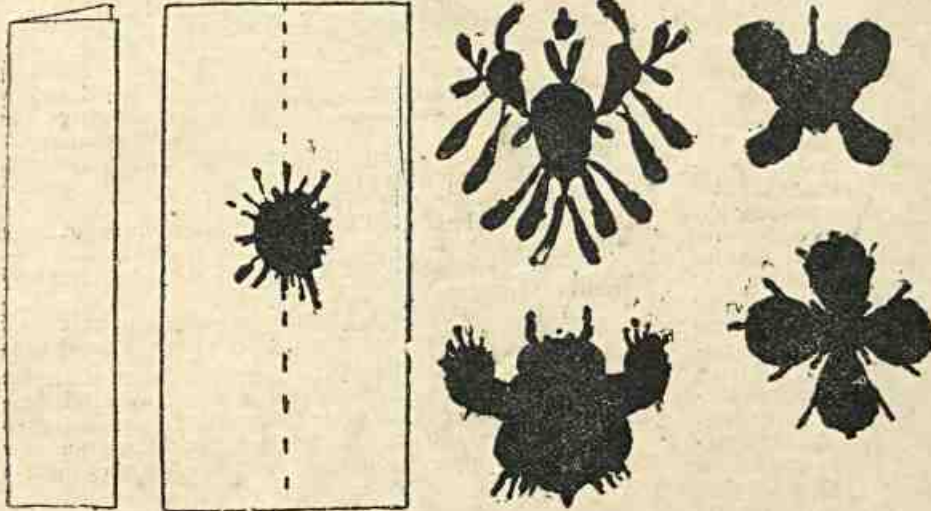
O "SR. X" E A SUA PAGINA

A ARTE DE FAZER BORRÕES DE TINTA



Todos os nossos amiguinhos são reprehendidos, ou pelo menos ficam muito aborrecidos, quando deixam cabir borrões de tinta nos cadernos. Pois não é ahí que lhe aconselhamos a praticar esta arte, mas sim em qualquer folha de papel.

Deita-se um grande borrão de tinta no meio da folha e dobra-se esta em duas partes, com o borrão para o lado de dentro; como mostra a gravura. Depois, abre-se o papel, devagarinho. Verão que não se tem duas vezes a mesma figura. A's vezes,



as figuras devem ser completadas com uns traços á penna, para ficarem mais engraçadas.

OS JOGOS DO "SR. X"

A RAPOSA E AS GALLINHAS

Joga-se este jogo sobre o taboleiro das damas; é, porém, muito mais facil do que o verdadeiro jogo de damas e, pôde servir para crianças pequenas.

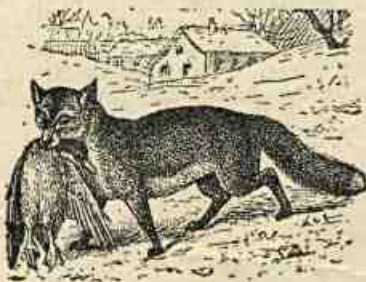
Um dos jogadores põe num peão preto, que é a raposa e colloca-o sobre o quadrado branco que está ao canto do taboleiro.

O outro jogador toma cinco peões brancos que são as gallinhas e colloca-os sobre os cinco quadrados brancos que se encontram sobre a primeira linha do outro lado.

Cada peão avança um quadrado de cada vez em diagonal; a raposa avança ou recua, mas as gallinhas não podem recuar.

Não se comem os peões como nas damas. O jogo consiste, para as gallinhas, em impedir que a raposa atravesse a sua linha.

Si a raposa consegue isto, ganha o jogo; si, ao contrario, as gallinhas obrigam a raposa a recuar a um canto do taboleiro, pondo-a na impossibilidade de jogar, são ellas que ganham o jogo.



nossas gentis collegas que, com tanta felicidade se dedicam ás bellas letras.

O numero da *Estrella* foi-nos enviado com encantadoras saudações pelo nosso anniversario. Agradecemos penhoradissimos.

A nossa intelligente leitora senhorita Carmen Pereira, alumna da 12ª Escola Publica do 4º Districto fez exame de promoção no dia 7 do corrente e obteve a honrosa nota de «distinguição».

Enviámos-lhe as nossas felicitações.

"O TICO-TICO" NA EUROPA

Sim, senhor, na Europa, em Bruxellas, que é a capital da Belgica. Em Bruxellas acha-se actualmente a senhorita Diva Nolf, filha de um cavalheiro belga e que lá recebe o jornal das crianças e de lá mesmo nos enviou os seguintes versos, encantadores de ingenuidade e emoção:

Saúdo ao meu *Tico-Tico*
Estimado, tão bonito!
E de côres sempre rico,
Pelo anniversario seu.

Aqui com meu papai estou
P'ra passeiar e estudar;
Mas elle me promettu
Ao nosso Brazil voltar.

Aqui tambem quero ler
O meu lindo jornalzinho;
Porque não quero me esquecer
A lingua de minha terra.

Do frio é que tenho medo
E cá não quero morrer;
Estudarei bem e muito
P'ra voltar e lá viver.

Sim, aqui é muito bom,
Mas já tenho bem saudade;
E voltar a meu paiz
Sempre eu terei vontade.

10 de Setembro 907.

DIVA NOLF (Bruxellas, Belgica)



NOVIDADE DE PARIS PARA CRIANÇAS

Tambores automaticos, brinquedo moderno e chic. Pôde-se variar de musica, trocando as chapas; cada tambor acompanham tres chapas e um par de vaquetas. Na casa

A NOVA FIGURA RISONHA -- RUA DOS OURIVES 104

Recebemos o n. 3 do lindo jornalzinho *A Estrella d'Alva* de que são redactores as intelligentes senhoritas Antonietta Clotilde e Carmen Thaumaturgo.

Todo escripto a mão, a *Estrella*, pela sua factura primorosa e bello aspecto, revella o capricho e habilitade de suas redactoras. Acrescente-se que todo o texto é admiravel de correção, redigido com graça leve e intelligencia pouco vulgar, e só nos resta felicitar as

A PRINCEZA MEDUZA

ROMANCE MARAVILHOSO

CAPITULO II

NO REINO DAS FADAS

(Continuação)

Ha fadas de todas as especies; algumas tão pequeninas, que dormem estendidas nos calices dos lyrios; outras, gigantescas, dormem tendo montanhas por travesseiro; ha algumas monstruosas, com o corpo coberto de escamas; outras têm cabeça de fera e corpo de mulher; outras, ondulosas como serpentes, brincam no mar, mergulham e reaparecem com uma chamma na fronte.

Nuvens de fogo, puxadas por dragões horrendos atravessam o espaço; peixes com azas, gafanhotos immensos, puxando carros de todos os feitios, com fadas de varias racas, correm, chegam, ou partem em turbilhão.

Ha flores que têm olhos; fructos que se movem e arvores que nadam, tendo mãos nas pontas dos galhos.

A fada *Severa*, que ha mil annos foi eleita Rainha do Planeta Azul, habitava então um palacio do crystal negro tão cravejado de pedrarias, que os olhos dos mortaes não poderiam supportar o seu brilho. *Severa* governava sabiamente o seu povo de espiritos, procurando sempre fazer triumphar o bem sobre o do mal.



A fada «Graminetta».

do as fadas; ellas gostavam de vir á Terra, trazendo aos homens felicidade e fortuna. Mas algumas, entretanto, eram victimas, durante esses passeios, das armadilhas dos feiticieiros ou da vingança de alguma inimiga e então ficavam prisioneiras, como acontecera com a gentil *Lumiana*.

Nesses casos, a Rainha nada podia fazer, porque fóra do seu Reino seu poder magico era muito menor. Apenas se viu livre da agulha encantada em que esti-

vera presa, *Lumiana* dirigiu-se para a estrella azul; estava ansiosa por tornar a ver suas amigas e saber noticias de todos quantos deixára durante cem annos.

Assim, apressava os colibris, que voavam rapidamente, passando por varios astros de diversas cores. Quando já ia chegando perto do Planeta Azul, encontrou, no meio do caminho, outro carro semelhante ao seu, mas puxado por dezeseis ratinhos brancos com arreios de coral.

Na nesse carro uma fada do mesmo tamanho de *Lumiana* e tambem muito bonita.

Lumiana reconheceu-a immediatamente e exclamou: -- *Graminetta!*

A outra teve um grito de alegria exclamando:

— *Lumiana!*

Então conseguiste sahir da agulha maldita?

— E tu, conseguinte sahir d'aquella hor-



A fada «Graminetta» fóra aprisionada em uma concha.

renda concha? Como te libertaste? Conta-me isso.

— Não; conta tu primeiro!

Graminetta começou a narração:

— Como sabes, eu fui aprisionada no mesmo dia em que tu o foste, pelo mesmo feiticieiro malvado...

— E' verdade—disse *Lumiana*—já nada temos que temer d'aquelle perfido.

A nossa Rainha conseguiu vencel-o e prendeu-o de baixo da Montanha Negra com outros bruxos da sua raça.

— Viva a nossa Rainha!—exclamou *Graminetta*.—Mas sabes qual era a condição que o feiticieiro estabelecera para que eu pudesse sahir da concha? Uma das cousas mais difficis d'este mundo. Imagina! Para que eu me libertasse era preciso que uma mulher ficasse calada um dia inteiro...

— Qué horror!—exclamou *Lumiana*— Isso é quasi impossivel. E conseguiste-te salvar?!

— E' verdade. Por um acaso feliz, uma pobre pescadora cortou a lingua e a lingua inchou-lhe tanto, que ella, durante vinte e quatro horas, não poude pronunciar nem uma palavra.

— Como a pobre mulher deve ter ficado espantada quando tu lhe appareceste!...

— Quasi morreu de medo. Mas quando eu lhe prometti realisar tantos desejos, quantos ella pudesse mencionar no espaço de um minuto, recobrou logo a calma e declarou que desejava um filho...

— Ah, bem!—disse *Lumiana*, tornando-se logo triste—já adivinho o resto.

— A mulher disse que desejava ter um filho e desejava que

elle fosse lindo, e elegante, que dançasse muito bem...

— Ora, qual!—respondeu *Graminetta*

— A minha pescadora não quiz saber d'essas cousas. Pediu-me, apenas, que fizesse com que o rapaz fosse forte e bom.

— Ora, ahí está uma camponeza que tem mais juizo do que a Rainha que me salvou!—murmurou *Lumiana*.



A princeza surgiu do calice de uma rosa.

Nesse momento, os colibris e os ratinhos brancos já iam atravessando a zona luminosa da Estrella Azul. A conversa das duas amigas foi interrompida pelos abraços e felicitações das outras fadas, que vieram ao seu encontro com grande alegria.

CAPITULO III

O NASCIMENTO DA PRINCEZA

Passado um anno a Rainha teve a alegria de possuir uma filha, uma menina encantadora, que surgiu uma bella manhá do calice de uma rosa magnifica.

Era a criança mais linda d'este mundo; tinha a pelle clara e macia como o setim; os olhos azues, luminosos como duas estrellas; uns cabelos negros e muitos crespos emmolduravam-lhe a cabeça, com graça infinita. A fada Lumiana, que assistiu, invisivel, ao seu nascimento, ainda juntou á sua belleza novas perfeições, tornando-a de maravilhoso encanto.

Mas o que mais assombrou a toda a gente é que a princeza nasceu já com os dentes todos.

A Rainha, quasi louca de alegria, ao vêr a portentosa belleza de sua filha, ria ás gargalhadas; o Rei, de emoção, poz-se a chorar. Então, os camaristas, para adular o Rei e a Rainha, riam e choravam ao mesmo tempo.

No mesmo dia a linda princezinha foi apresentada ao povo, que se reunira deante do palacio, e, quando viu aquella gente toda, desatou a fazer manha. A Rainha, então, quiz lhe dar de mamar; mas a princezinha, que já tinha dentes, mordeu-a com tanta força, que, no mesmo instante, a soberana declarou que nunca mais amamentaria uma criança tão adeantada.

A vista d'isso, o Rei mandou arautos por toda a parte annunciar a todas as amas de leite do Reino que deviam se apresentar em palacio para que sua magestade escolhesse uma para ter a bondade de ser mordida por sua alleza.

Pois a difficuldade foi só na escolha. Apareceram mais de mil fidalgas, todas querendo ser amas da princeza.



Em todas as ruas e praças da cidade não se fallava senão no nascimento da princeza.

O Rei encarregou o sabio Sr. Barbotão, camareiro-mór, de escolher a ama.

Pobre Sr. Barbotão!

Quasi ficou maluco com esse serviço. As pretendentes se apresentaram no palacio logo ao romper do dia e encheram todas as ante-camaras. Quando o camareiro-mór appareceu, precipitaram-se todas para elle, fallando todas ao mesmo tempo, pedindo, exclamando, impiorando...

(Continua.)

INSTITUTO DE PROTECCÃO E ASSISTENCIA Á INFANCIA.—Elza Wildberger, uma das vencedoras do concurso n. 173, offereceu parte do premio que lhe coube por sorte, na importancia de 9\$, em favor d'esse estabelecimento de caridade, á cuja disposição fica desde já, em nosso escriptorio, o referido donativo. É digno de todo o louvor o caridoso acto da bondosa menina. Os nossos cumprimentos.

PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE

— Não ha mais tosse! Por pertinaz que seja, desaparece sempre com o uso do PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE — «Attesto que meu irmão Arislides, achando-se com uma forte tosse, e depois de fazer uso de varios medicamentos, só conseguiu ficar radicalmente curado com o uso do PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE e isso faço unicamente por ser verdade e com o fim de tornar conhecidas as vantagens d'este maravilhoso peitoral. Eu tenho egualmente feito uso do PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE e sempre com o melhor resultado. Pelotas, 2 de Julho de 1886 — Israel Xavier». Depósitos: Pelotas, Eduardo C. Sequeira; Rio, Drogaria Pacheco; S. Paulo, Baruel & C.; Santos Drogaria Colombo.

OS NOSSOS CONCURSOS

RESULTADO DO CONCURSO 188

Respostas certas:

- 1^a—Serro, Serra.
- 2^a—H—.
- 3^a—Siriema.
- 4^a—Gramma.
- 5^a—Costas.
- 6^a—Toldo, Tolda.

Devido ao desencontro da data de encerramento entre este concurso e o que dedicámos aos leitores de Estados mais afastados e que por ser extraordinario teve o prazo maximo de 2 mezes para a remessa de soluções, vocês hoje têm que se contentar sómente com o resultado d'este, que aliás pôde perfeitamente e sem receio de má figura, assumir a inteira responsabilidade do dia. No sorteio, que esteve concorridissimo, foram eleitos pela sorte para vencedores do torneio os trez seguintes concurrentes:

1^o premio—15\$:

CAIO PLINIO XAVIER DE BRITO

de 11 annos, residente á rua dos Cajueiros n. 67.

2^o premio—10\$:

LUCINDA MAIA DE FARIA MATTOSO

de 12 annos, moradora á rua Marechal Rangel n. 100, estação de Madureira.

3^o premio—Um lindo brinquedo offerecido pela *Maison Rose*:

ALAYDE ALVES BASTOS

de 12 annos, moradora á rua S. Christovão n. 98, que podem vir recebê-los em nosso escriptorio.

ENVIARAM-NOS RESPOSTAS CERTAS PARA AS 6 PERGUNTAS:

Stella Mirabilis, Luiz Augusto Rodrigues, Joaquina Vieira Fróes, Irene Ramos, Mario Salles, Iramaya da Costa e Silva, Regina Lavoura, Albertina da Costa Guimarães, Zé Ceroulinhas, Odette de Oliveira, Antonio Duarte de Vasconcellos, Martha Duarte de Vasconcellos, Iná de Campos, Judie Sanzio, Martha Alves Coelho, Sylvio Salema, Alayde Alves Bastos, Lulusita de Sá, José Roberto Vieira de Mello, Nelson Tinoco, Celeste Saraiva de Carvalho, Iracema Roxo, Carlos Poppe Junior, Lucia Guimarães Leite, Maria Aparecida Stepple da Silva, Gilberto Stepple da Silva, Ary Luiz Monteiro da Silveira, Lucinda Maia de Faria Mattoso, Julieta Moraes, Jacyra da Rocha Azevedo e Caló Plínio Xavier de Brito.

ENVIARAM-NOS RESPOSTAS CERTAS PARA MENOS DE 6 PERGUNTAS:

Eduardinho de Souza Freire, Antonio dos Santos, Ezió Monteiro, Genézio Tavares, Antonietta Menezes Rocha, Gastão Delfino dos Santos, Humberto Figueiredo, Maria Luiza de Oliveira, Guiomar de Barros Vasconcellos, Barbosa, Lica Soares, Manuelzinho Gomes Ribeiro, Ondina Delfino dos Santos, Arthur da Costa Silveira, Carlos Graça, Ernani de O. Marques, Beatriz da Eira, Maria da Eira, José Fontes Filho, Oscar Reis, Anizio de Paula e Silva, Cezar Monteiro Filho, Irineu Peixoto, Edith Duarte, Sebastianinha Egas, Rytha de Vasconcellos, Odette da Costa Brito, Roberto Gomes, Francisco de Paula, José de Sá, Edgard Costa, Rodrigo José Mauricio, Nenê Faria, Lydia Augusta de Araujo Jorge, Georgeta Durão Lopes, Nicomedes Martins dos Santos, Edgard Guillon Miranda Goês, Carlota Santos Moreira, Abigail Rebouças, Horacio Salema e Carmen de Araujo Siqueira.

BORO BORACICA

ronpa. Depósito geral: Drogaria Pacheco, Andradas 59, e do Brazil.

CONCURSO N. 189

(Para a rapaziada d'esta capital e dos Estados)

Problema:



Eis com que vocês se têm de haver hoje. Entre o ser interessante e facil é que está todo o seu *chásinho*. Vejamos. São 72 os palitos que ali estão. Pois bem, com elles vocês terão que formar trez palavras que constituam uma phrase que representa um dos maiores factos historicos da nossa querida patria e que terá toda a actualidade quando este concurso se encerrar.

Os premios reservados para o sorteio são dois de 15\$ cada um.

As soluções, com o vale, nos devem ser enviadas até o dia 14 de Novembro.

CONCURSO N. 180

(PARA OS LEITORESINHOS D'ESTA CAPITAL E DOS ESTADOS PROXIMOS)

Perguntas:

1ª—Que é, que é?—Só é bom quando está calçado.

(Enviada pelo menino Dacyr Hollingier da Silva).

2ª—Qual é a palavra composta de duas palavras, da qual a primeira é nome de mulher, a segunda os doentes desejam e, ambas, formam o nome de ave muito conhecida?

(Enviada pelo menino Abelardo Calmon de Oliveira).

3ª—Que é, que é?—Elle enfeita e ella está nos livros.

(Enviada pelo menino Renato dos Reis Paes Leme).

4ª—Que é, que é?—Elle de certa fructa é bom pedaço; ella é muito silenciosa.

(Enviada pela menina Clarisse Camara).

5ª—Qual é a palavra, da qual tirando-se uma criminosa, fica uma porção de bichos?

(Enviada pelo menino Dacio Rudge Ramos Parada).

6ª—Que é, que é?—Elle é bastante damnhinho e ella sempre tem valor.

(Enviada pelo menino Ernani Carneiro de Campos).

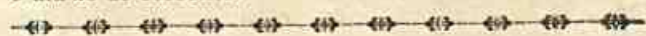
Já despacharam os palitinhos? Pois, então, passem para cá, enquanto é tempo, que este, apesar de facil, é comtudo, pela posição que occupa, o mais difficil de esfolar... Mas isso não nos deve dar cuidado—para vocês não ha difficuldades; o lemma é sempre o mesmo: ou vai ou racha! Isso!

Os premios destinados ao sorteio são trez, sendo um de 15\$, um de 10\$ e um terceiro, oferecido pelos Srs. Henry Leonardos & C. proprietarios da *Mais-e-Rose*, Avenida Central n. 177 e que se compõe de um «jogo dos chapéus dos clowns», interessante divertimento em que pode tomar parte mais de uma duzia de pessoas. Este brinquedo compõe-se de uma duzia de cabeças de *clowns* collocadas sobre uma placa de madeira, tendo todas um gancho ao alto. Os jogadores armam-se de bonets de palhaços feitos de panno e com um aro grande e pesado

Adoptada no Exercito Nacional. Pomada milagrosa para a cura radical de empigens, sarna, eczemas, darrthros, assaduras nas crianças, ozagre, frieiras, herpes, escorições e todas as molestias da pelle. As rachaduras do bico do seio, que tanto atormentam as jovens mãis, curam-se com esta santa pomada, que não suja a S. Paulo, Baruel & C.. Vende-se em todas as pharmacias

de metal, e á distancia grande, atiram estes bonets a vêr si conseguem fazel-os cahir sobre os ganchos que os prenderão nas cabeças dos palhaços. Estas são todas numeradas, e conforme os numeros conforme os pontos a contar.

As soluções, com o vale, nos devem ser remetidas até o dia 23 do corrente.



ENSINO AOS MAIS VELHOS



—Vais para o collegio, menina?
—Ora, essa! Então o senhor acha-me com cara de collegial...

—Lá isso é verdade...

Reparo agora que tens multos pannos e espinhas no rosto, e que a tua pelle está com muito mau aspecto...

—Não é tanto assim... Em todo caso vou exactamente buscar o remedio que me ha de

amaciara a cutis, dando-me o aspecto mimoso de uma menina...

—E que remedio é esse?

—Pois não sabe? É o milagroso *Sabão Aristolino*, de Oliveira Junior, que cura as molestias da pelle, darrthros, eczemas, espinhas, cravos, comichões, frieiras, sarnas, feridas, queimaduras, golpes, brotoejas, molestias do couro cabelludo, caspa, queda do cabello, manchas da pelle, etc. Limpa e amacia a pelle. No banho é de grande vantagem como antiseptico.

Vende-se em todas as pharmacias e casas de perfumarias e no deposito: Araujo Freitas & C., á rua dos Ourives n. 114.

BORO BORACICA — cura o cancro.

VENTURA COMPLETA



—Para que a minha ventura seja completa, e eu faça bem a digestão, só me falta que promettas...

—O que mulherzinha?

—Ir á *Industria Nacional*, Carioca 46 e comprar os corpinhos, salas e camisas para mim; collarinhos, punhos, meias, lenços e gravatas para ti e os brinquedinhos para o Lulu... Ah! Compra tambem cobertores, colchas, lençoes,

morins, cretones, toalhas, sabonetes, pentes, escovas, ligas e bonecas para a Loló.

Olhai para o futuro de vossos filhos

Dai lhes Morrhuina (principio activo do oleo de fígado de bacalhão), de

J. COELHO BARBOSA & C. — RUA DOS OURIVES 86 e QUITANDA 74 F

assim os tornareis fortes e livres de muitas molestias na juventude.

MÔLHO ELECTRICO

nas casas Teixeira Borges & C., Coelho Kean & C., Rua do H. Marti & C., Rosario 62, e em todas as casas de primeira

Esse maravilhoso môlho reúne em si todos as qualidades necessarias para dar um paladar delicioso e convidativo ás sopas, assados, guizados, refogados peixes, caças, churrascos, bifés, carnes brancas, feijoadas, mocotós, bacalhoadas, camarões, lagostas, macarrões, etc., satisfazendo ao paladar do mais exigente epicurista. A venda Ouvidor 64, Confeitaria Colombo, Monteiro Junior & C., ordem. Preço, vidro 2\$500, duzia 24\$000.

O LADRÃO FINORIO



1 Uma vez um ladrão muito finório foi roubar um sacco de trigo e ficou todo branco de farinha.

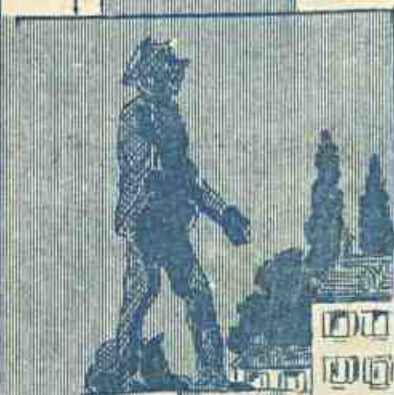


4 O ladrão ficou tão satisfeito que até dançou um cak walk em cima do pedestal.

2 Os soldados iam quasi a agarral-o, mas o ladrão vendo um pedestal de mar-more na rua...



3 ...subiu para cima do pedestal e ficou ahi tão quieto e todo branco que os soldados pensaram que elle era uma estatua e foram embora.



5 Mas no dia seguinte o ladrão foi roubar um sacco de carvão e ficou todo preto. Os soldados sabiram atraz delle...



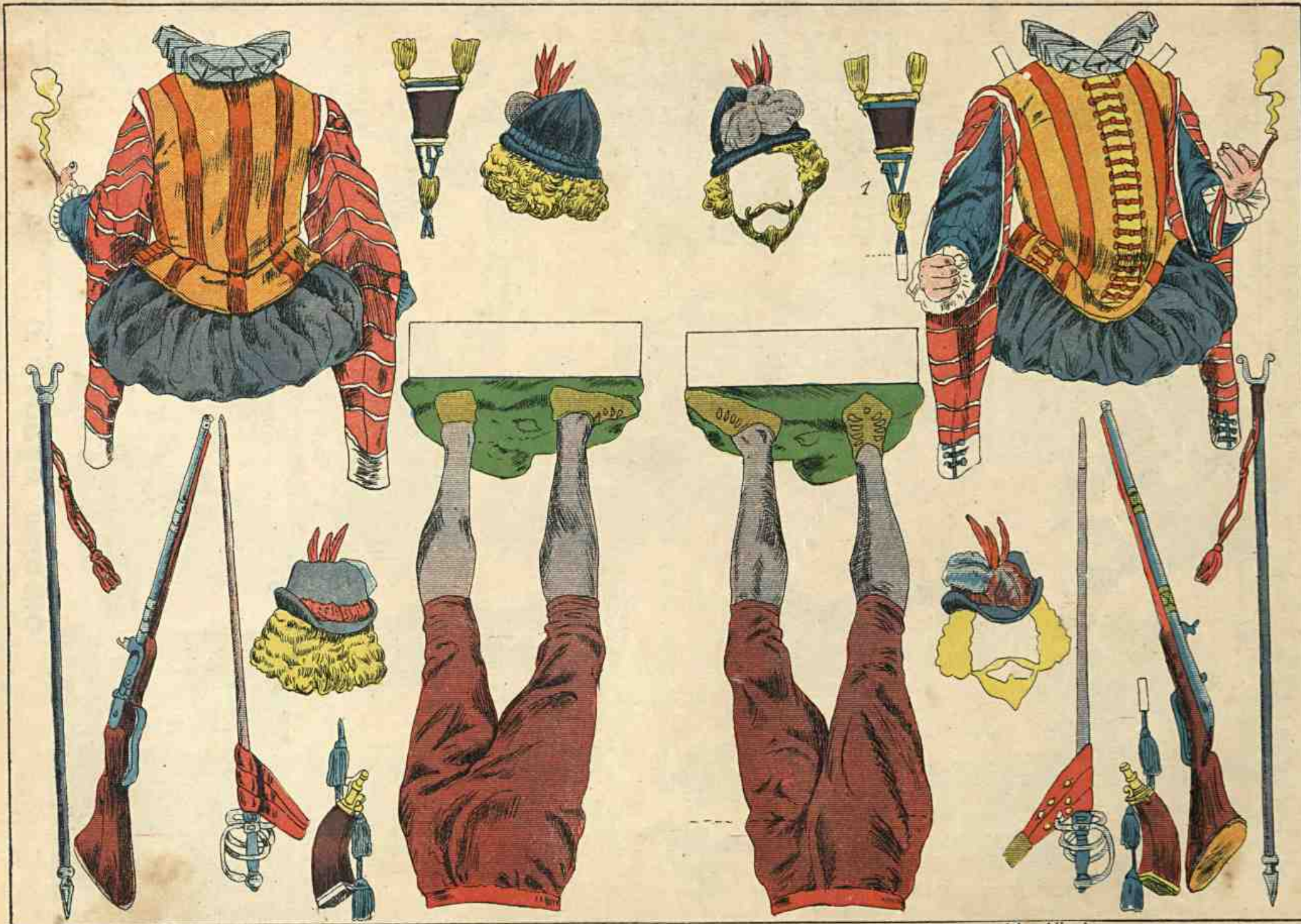
6 O ladrão mais que depressa subiu outra vez para o pedestal. Mas desta vez o plano não deu bom resultado.



7 Como elle estava todo preto chamou a atenção dos soldados...



8 E lá foi o ladrão finório para a delegacia.



As pernas coliam-se, frente com costas até a linha pontilha e d'ahi para cima só dos lados deixando espaço para enfiar o busto que foi publicado no numero. 102 e serve para qualquer vestuario. O casaco colla-se só nas mangas, pelos dois pedacinhos brancos dos hombros e pelas extremidades do collarinho. Na mão esquerda deve-se deixar o dedo pollegar sem colla para que o guerreiro possa segurar a coronha do mosquete. O cano do mosquete deve-se apoiar no bastão e este deve ser enfiado na mão direita fazendo-se para isso um pequeno córte em cima do dedo indicador e em baixo do dedo minimo. A bolsa (figura 1) deve ser collocada no cinto, na frente e á direita, a espada no cinto, na frente, á esquerda e o polvarinho no cinto atraz á direita. Essas tres peças fixem-se sem colla, apenas enfiando o pedacinho branco dobrado em um pequeno corte, que se dá no lugar proprio do cinto.